

ZONAS COMUNS CUSTAM 150 EUROS POR MÊS

■ A modalidade mais flexível passa pela utilização dos espaços variáveis. Quem compra mensalmente o direito a utilizar literalmente qualquer zona, menos os espaços fixos e os escritórios, trabalha onde quiser. Terá ainda acesso a cabines isoladas para fazer telefonemas, de modo a ter mais privacidade, quando necessária. O antigo Louva-a-Deus fica mesmo ao lado, para ser usado se a comunidade desejar realizar eventos complementares à sua actividade.

Quem usar as secretárias fixas, com zona de arrumação incluída, paga 200 euros por mês e tem sempre lugar reservado.



PRIVACIDADE TEM CUSTO ACRESCIDO

■ Os estúdios privados são escritórios fechados apesar de estarem integrados no espaço comum, mas permitem maior privacidade e comodidade, sobretudo a nível acústico. “Os preços previstos para este espaço são de 250 euros por pessoa, portanto de 500 euros por estúdio, mensais e isto inclui tudo, ou seja, águas, electricidade, Wi-Fi, água, café. Não há custos adicionais a este pacote, pois é chave na mão”, esclarece Tiago Quintas.



A gestão dos três tipos de espaços é feita com recursos tecnológicos e com cartões associado ao pacote escolhido.

ESPAÇO AMIGO DO AMBIENTE

■ Não há interruptores na sala. Logo, cada utilizador terá acesso à luz a que tem direito se fizer por isso. “Há um controlo master, mas as pessoas podem ligar e desligar as luzes mesmo estando em casa. Portanto, é também um bocadinho eco friendly nesse sentido. O espaço já está munido de algumas ferramentas tecnológicas não só para controlarmos os eventuais abusos mas para tornarmos todo o espaço mais fácil de gerir, até para os próprios utilizadores”, refere o administrador.



Há 10 lugares fixos nos escritórios privados, 15 nas secretárias e 35 na zona comum que é servida por uma sala de reuniões. FOTOS ASPRESS

No que concerne ao investimento financeiro neste espaço, “como é uma coisa que ninguém diz”, Tiago Quintas admite apenas que foi “de algum valor, numa sala que já estava bastante envelhecida”, feito numa perspectiva de longo prazo. E é nesse contexto que ambiciona fechar parcerias com serviços de contabilidade ou jurídicos, com pacotes ajustados às startup regionais, de modo a que o Sangha seja o berço de empresas regionais que possam ter sucesso. O ‘Sangha’ foi percorrido pelo DIÁRIO antes da abertura e estreia a nova rubrica ‘O futuro foi aquilo que se viu’, espaço que pretende antecipar os contornos essenciais das ideias, dos espaços ou dos projectos, mostrando o que vão ser, como vão funcionar e o que terão dentro.

TIAGO QUINTAS É O ADMINISTRADOR E MARINA FREITAS É A ‘COMMUNITY MANAGER’

■ Tiago Quintas é licenciado em Gestão e Administração de empresas na Católica Business School of Business and Economics, onde fez o mestrado em Finanças. No percurso profissional foi auditor na KPMG, analista de M&A e Gestão de Ativos no Haitong Bank, gestor de Investimentos da Norfin, ‘vice’ da Banca de Investimento na Alantra. É membro da equipa de gestão e director da Glovo em Portugal com pelouros do Norte, Centro, ilhas e expansão e board member do grupo de restauração



‘A100 – Best Burguers in Town’ que conta com 8 unidades na área Metropolitana de Lisboa. É administrador-sócio da Safito SGPS, board advisor da Dorisol, Empreendimentos Turísticos, e administrador não executivo da Dori-limpa.

■ Marina Freitas voltou à ilha para ser Community Manager do Sangha. Como já tinha “saudades de casa”, optou pela proximidade e pela família, mesmo antes de surgir a nova oportunidade que abraça com entusiasmo. Estava também num cowork em Lisboa, o Lacs, mas antes passou pela Dupla Dp, Dolce Vita no Funchal e Lisboa, Xyami, NewsMuseum e JLL. É licenciada em comunicação social e tem mais de 15 anos de experiência em Marketing e Comunicação.

